

AMIG_ARTIGO 03

Prof. Dr. Romeu Rössler Telma

Consultor, Escritor e Professor

A SAGA DA IMIGRAÇÃO GERMÂNICA III

OS IMIGRANTES FORAM INGÊNUOS E TERIAM ACREDITADO EM FÁBULAS?

Embora já tenhamos abordado esse assunto – o de que os imigrantes que para cá vieram teriam sido ludibriados por habilidosos e espertos recrutadores – destacamos mais alguns argumentos contrários a essa crença.

É notória a correlação entre a eclosão de crises políticas ou econômicas, e uma subseqüente onda de novas levas populacionais a emigrar. Voltemos aos tempos das primeiras imigrações ao Brasil.

Depois das guerras napoleônicas – terminadas oficialmente em 1815, depois de 23 anos de guerra - deu-se a vinda dos primeiros imigrantes alemães para o Rio de Janeiro, já em 1818, mas principalmente para o Rio Grande do Sul, em 1824. Devastações, desabastecimento, fome e miséria foram os grandes motivadores. Ainda mais porque, no Congresso de Viena se restabeleceram os regimes de servidão, os privilégios dos nobres, impuseram-se novas fronteiras, impulsionando para a busca de melhores oportunidades, diante da falta absoluta de perspectivas

Nas Revoluções de 1848, os distúrbios na França, Áustria, Prússia, nas Cidades-livres de Frankfurt e Hamburg – motivados pelos efeitos da

Revolução Industrial e por movimentos libertários – resultou em prejuízos para os trabalhadores, artesãos e profissionais diversos, que perderam seu “ganha-pão”, além de forçar lideranças políticas e sociais a exilar-se.

Em 1852, terminada mais uma das muitas guerras internas na então Confederação Germânica, regimentos inteiros estavam para ser dispensados, quando o Brasil precisou de soldados para fazer frente ao ditador Juan Manuel Rosas, da Argentina, que pretendia restabelecer o antigo Vice-Reinado do Prata. Contrataram-se 2.000 soldados e mais 5.000 colonos para serem assentados no Rio Grande.

Em 1871, enquanto o Império Alemão se consolidava e expandia na expansão de sua indústria, o Império Austro-Húngaro retardou sua industrialização, evitando investimentos em suas províncias. Enquanto se dançavam valsas em Viena, as províncias mais remotas – Boêmia, Galícia, Bálcãs – eram privadas de investimentos tais como ferrovias ou indústrias. Em consequência da quebra da Bolsa de Viena, em 1873, nova crise econômica assolou toda a Europa até meados dos anos 1880, motivando emigrações em massa.

Segundo relatos de imigrantes, as decisões de emigrar eram discutidas amplamente, existindo destinos alternativos, os quais eram avaliados em função das próprias disponibilidades de recursos, sendo que as passagens para os Estados Unidos e Canadá eram muito mais caras do que as que levavam para a América do Sul.

“MEU BISAVÔ ACHAVA QUE IRIA PARA SAN FRANCISCO, CALIFÓRNIA, E ACABOU EM SÃO FRANCISCO DO SUL”

Na mesma linha, o famoso trocadilho “iriam para San Francisco, Califórnia, e foram parar em São Francisco do Sul, Brasil”! Inusitado, para dizer o mínimo. Acontece que a “Linha do Tempo” não “bate”: O “Gold Rush”, a

legendária corrida do ouro na Califórnia, somente começou em 1848, sendo que este território tinha acabado de ser conquistado ao México, pelos EUA. É difícil imaginar que as companhias de navegação imediatamente pusessem à disposição novas “rotas de imigração”, passando pelo Estreito de Magalhães com destino à Califórnia. Na verdade, os imigrantes que demandavam os Estados Unidos, ali entravam pelo porto de Nova York. Dali é que se deslocavam para o interior, por caminhos longos, entre os quais o famoso “Oregon Trail”. Até porque as grandes ferrovias transcontinentais, como “Atlantic & Pacific”, “Northern Pacific” e outras, somente seriam implantadas nas últimas décadas do século XIX, bem depois, portanto, da chegada dos imigrantes ao Rio Grande ou a Santa Catarina.

Existem, ainda, outras narrativas e fantasias acerca da imigração alemã ao Brasil, que serão tratadas no próximo artigo.